

Gersiney Pablo Santos

gepasan@gmail.com

Viviane de Melo Resende

viviane.melo.resende@gmail.com

Veja o fim do arco-íris – uma análise do artigo “A geração tolerância” e a construção de identidades homossexuais

Veja magazine over the rainbow – a critical discursive analysis about homosexual identities in Brazil

RESUMO - A representação discursiva de eventos e práticas é uma das atividades mais frequentes em nossa experiência humana. Seja em atividades rotineiras, seja em atividades especializadas, a representação faz parte das diversas práticas sociais em que nos engajamos, exercendo influência sobre comportamentos e visões de mundo. Tomando por referencial teórico-prático a Análise de Discurso Crítica (ADC) (Fairclough, 2003; Chouliaraki e Fairclough, 1999), associada aos estudos de ideologia e de mídia de Thompson (1998, p. 2002), e à teoria de identidade de Hall (2001), neste trabalho, apresentamos uma análise dos modos pelos quais a revista *Veja* – a revista semanal de maior circulação no Brasil – representa e identifica jovens homossexuais brasileiros/as em uma matéria de capa publicada em maio de 2010. Na reportagem, intitulada “A geração tolerância”, a revista propõe-se exibir um “retrato” da geração de jovens homossexuais neste início do século XXI. Explorando categorias analíticas como intertextualidade, polifonia, pressuposição, avaliação e modalidade (Resende e Ramalho, 2009), desvelamos estruturas linguísticas que estabelecem oposições entre passado e presente, em que o passado é associado a estratégias de criação identitária de um grupo que se mobiliza em nome de “uma causa”, enquanto o presente é associado à dissolução de identidades gays e à desmobilização dessa mesma causa. Assim, nossa análise nos permitiu perceber que, embora dando visibilidade ao assunto, a revista apresenta visões sexistas que, de modo velado, legitimam estereótipos combatidos por movimentos sociais.

Palavras-chave: discurso, representação, análise de discurso crítica, mídia, homossexualidade.

ABSTRACT - Discursive representation of events and practices is one of the most frequent activities in human experience. Either in ordinary activities or in specialized ones, representation takes part in different social practices in which people engage themselves, influencing one’s particular perspectives on world. This paper discusses the representation and identification of homosexual Brazilian youngsters in *Veja* magazine – the largest weekly news magazine in Brazil. It is based on CDA approach (Fairclough, 2003; Chouliaraki and Fairclough, 1999), associated with studies about ideology and mass media in Thompson (1998, p. 2002) and identity theory in Hall (2001). Applying analytical categories such as intertextuality, polyphony, presupposition, evaluation and modality (Resende and Ramalho, 2009), it was possible to unveil linguistic structures which establish opposite perspectives between past and present social struggles. Thus it was possible to find that, in spite of bring forth the subject of homosexuality, the magazine shows sexist views which legitimate stereotypes in a veiled way.

Key words: discourses, representation, critical discourse analysis, mass media, homosexuality.

Introdução

A vida em sociedade envolve diversas atividades e situações nas quais os atores sociais têm a necessidade de se posicionar. Nesse sentido, teorias contemporâneas de identidade têm enfatizado seu caráter múltiplo, ressaltando a natureza flexível e fluida das identidades (Hall, 2001). Apesar da diversidade possível na construção de identidades, esse sujeito ‘ecclético’ ainda se encontra

atrelado a convenções e tipificações mantidas ‘sólidas’, mesmo em tempos de liquidez (Bauman, 2001). Sobre a constituição de identidades numa cultura nacional, Hall (2001, p. 59) aponta que “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural”. Esses ‘rótulos’ encontram reforço e propagação em âmbito social, visto que são transmitidos e retransmitidos nas relações entre indivíduos, e legitimadas

por influências de poder. Assim, é preciso observar com atenção o trânsito de ideologias, a fim de perceber quais representações discursivas de eventos e práticas contribuem para disparidades sociais nas relações entre pessoas e nas informações disponibilizadas para a construção discursiva de *identidades e identificações* (Resende, 2009).

A Análise de Discurso Crítica (ADC) contribui para tais reflexões, tendo em vista ser uma abordagem interdisciplinar cujo foco está nas relações sociais e no discurso, entendido como veículo potencial para ideologias. A ADC objetiva, portanto, desvelar certas representações que tendem a naturalizar situações de desigualdades e prejuízos sociais. Por meio de análises de textos, podem-se perceber cargas ideológicas consolidadas na arena de lutas pelo poder, estabelecida nas práticas sociais e no discurso.

Informado por teorizações da linguagem na sociedade construídas no âmbito da ADC, e pelo referencial metodológico a ela associado, este trabalho objetiva investigar, ainda que brevemente, a identificação de jovens homoafetivos/as em texto publicado em uma das principais revistas semanais de notícias no Brasil, a revista *Veja*. Foi selecionada a matéria de capa da revista na edição de 12 de maio de 2010, intitulada “A geração tolerância”.

Além dessa introdução e das considerações finais, este artigo encontra-se dividido em três seções. Na primeira, procuramos delimitar nosso referencial teórico-prático. Na segunda, contextualizamos o objeto de nosso estudo. Na terceira, por fim, apresentamos nossa análise do texto selecionado.

Análise de discurso crítica, mídia e identidade: referencial teórico-prático

A fim de fundamentar a análise da reportagem da revista *Veja*, “A geração tolerância”, utilizamos um referencial teórico-prático voltado para a representação e a identidade. A base teórica e metodológica fundamental é a Análise de Discurso Crítica (ADC), de acordo com a abordagem de Fairclough (2001, 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999) e Ramalho e Resende (2011). Como suporte teórico interdisciplinar, foram utilizados trabalhos em estudos culturais e comunicação, como os de Hall (2001) e Thompson (1998), na intenção de chegar a uma interpretação satisfatória de problemáticas relacionadas à vida social.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) constitui-se de diversas abordagens teórico-metodológicas voltadas para a pesquisa de problemas sociais parcialmente discursivos com o foco na possibilidade de mudança social. Além de referenciais teóricos acerca do funcionamento social da linguagem (no caso da versão de ADC que discutimos aqui, um referencial amplamente inspirado na Ciência Social Crítica e em especial no Realismo Crítico; Resende, 2009), a ADC construiu métodos para análise discursiva de textos, agregando, assim, a Linguística às Ciências Sociais, numa proposta interdisciplinar em torno de conceitos como “discurso” e “práticas sociais”.

Por ser uma abordagem que relaciona diversas áreas do conhecimento, a ADC tem caráter heterogêneo; no entanto, suas diferentes abordagens são coerentes no interesse em analisar o discurso como elemento semiótico integrado a práticas sociais (Resende, 2009). Sendo um “modo de ação” inerente às relações humanas e situado historicamente, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 38), o discurso pode ser definido como momento das práticas sociais em articulação com outros momentos (relações sociais, atividade material, fenômeno mental), em configurações particulares associadas aos diferentes campos sociais da atividade humana.

A noção de discurso como parte das práticas sociais é fundamental para a compreensão do funcionamento social da linguagem. Segundo Resende e Ramalho (2009, p. 26),

entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença.

É nesse sentido, conforme as autoras, que se entende a dialética entre discurso e sociedade, uma vez que o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social. Na reflexão acerca das relações entre discurso e sociedade, a ADC desenvolveu a base de seu corpo teórico. Respondendo a essa complexidade teórica, trabalhos em ADC visam mapear essas relações em contextos de abuso de poder (Van Dijk, 2008); daí decorre a relevância dos conceitos de ideologia e hegemonia nesses trabalhos.

A versão de ADC desenvolvida por Fairclough tira partido da discussão de ideologia em Thompson (2002), para quem ideologias são formas simbólicas que servem para estabelecer e sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder. Na discussão do conceito de hegemonia, Fairclough (2001, p. 122-123) apropria-se do desenvolvido por Gramsci e harmoniza-o com o defendido em sua teoria social do discurso:

Hegemonia é a liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade; [...] o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’; [...] é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento.

Para Fairclough (2001), a hegemonia não é localizada, ou seja, não é facilmente identificável, pois está dentro de um sistema de coligações institucionais da sociedade civil (como a família, a educação e a mídia, por exemplo), e se coloca no foco da tensão entre setores e blocos sociais interessados em construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, as quais se manifestam em aspectos econômicos, políticos e ideológicos.

A abordagem teórico-metodológica dessa versão de ADC tem na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday, a sua base linguística. Em LSF, a linguagem é conceituada como sistema que, embora seja estruturado, mostra-se aberto, em consequência de seu uso social. Como afirmam Resende e Ramalho (2009, p. 56), “a linguagem é vista como um sistema aberto a mudanças socialmente orientadas, o que lhe provê sua capacidade teoricamente ilimitada de construir significados”.

Em sua versão de ADC, Fairclough (2003) atualiza as macrofunções da linguagem propostas na LSF (ideacional, interpessoal e textual). Apropria-se das macrofunções de Halliday e cinde a função interpessoal em função identitária e função relacional, além de sugerir a associação das macrofunções aos conceitos de gênero, discurso e estilo. Fairclough (2003) apresenta, assim – em recontextualização teórica das macrofunções propostas na LSF –, os significados acional, representacional e identificacional do discurso. Acerca dessa recontextualização teórica, Ramalho e Resende (2011, p. 59) explicam:

Revisando essas quatro funções [ideacional, identitária, relacional e textual], Fairclough (2003a) propõe, como ponto de partida, a compreensão das maneiras como o discurso figura em práticas sociais: como (inter)ação, associada a gêneros; como representação, associada a discursos, e como identificação, relacionada a identidades.

Assim, além da questão das categorias linguísticas utilizadas como ferramentas para análise discursiva, a própria compreensão da organização da linguagem, de sua natureza funcionalmente complexa, tira partido da LSF. Para Resende (s.d.),

essa formulação acerca do funcionamento da linguagem na sociedade possibilita o rompimento dos limites entre a Linguística e as Ciências Sociais, uma vez que a proposta é abordar problemas sociais relacionados a conceitos como ideologia e hegemonia por meio da análise de mecanismos linguístico-discursivos concretizados em textos e de sua relação com práticas e redes de práticas sociais.

A linguagem como discurso, isto é, como elemento de práticas sociais em articulação com outros elementos, configura modos relativamente estáveis de, discursivamente, agir no mundo (e sobre outras pessoas), representar o mundo (de diferentes maneiras e com distintos efeitos) e ser no mundo (identificar e identificar-se). Obviamente, a mídia, com as ordens de discurso a ela articuladas, organiza também modos relativamente estáveis de ação, representação e identificação. A relevância dos textos distribuídos na mídia é que tornam disponíveis no tempo e no espaço formas simbólicas que servem de base para outras representações e identificações, ainda mais se reconhecemos, com Chouliaraki e Fairclough (1999), que, na atual fase da modernidade, a reflexividade inerente à ação humana

é cada vez mais ‘exteriorizada’, ou seja, conformada por informações oriundas dos sistemas especialistas, entre eles a mídia. Para Thompson (1998, p. 45), “ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros, as usam como veículos para reflexão e auto-reflexão”. Daí a articulação entre discurso, mídia e identidade.

“A geração tolerância”: contextualização do objeto de análise

Descrita no endereço eletrônico da editora Abril, responsável por sua distribuição, como “revista investigativa e esclarecedora que repercute em todo o país, com reportagens que antecipam e explicam as grandes questões do Brasil e do mundo”, a revista semanal *Veja* é uma das mais populares publicações nacionais. Ainda segundo o sítio virtual de sua editora, ela é a “maior revista semanal de informação do país e a terceira maior do mundo”, depois das estadunidenses *Time* e *Newsweek*.

Com seções que tratam de temas diversificados (como economia, educação e cultura, por exemplo), *Veja* é o periódico de maior circulação no país, com tiragem superior a um milhão de exemplares distribuídos semanalmente em todo o território nacional. Em termos quantitativos, a revista *Veja* tem um público leitor majoritariamente feminino (54%), com idade acima dos 50 anos (23%), classe social “B” (49%), da região sudeste (58%).¹ Segundo o atual editor da publicação, Roberto Civita, a “insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil” é uma das missões da revista.

A revista *Veja* consolidou a sua marca no cenário político ao cobrir eventos históricos como quedas e estabelecimentos de governos, depoimentos de celebridades e matérias investigativas em capas expressivas. Apesar dessa abrangência territorial e informacional, a publicação sofre constantes críticas em relação à maneira como trata assuntos ditos de interesse nacional. Para muitos/as que contestam sua parcialidade, a *Veja* defende interesses de cunho tradicional e “direitista”, reproduzindo e reforçando estereótipos (Fernandes, 2011). Um setor social que apresenta recorrentes argumentos contrários à abordagem da *Veja* é o dos movimentos sociais. As matérias apresentadas na revista seguem uma linha editorial que é tema frequente de debates sociopolíticos.

Em maio de 2010, a revista *Veja* publicou uma matéria de capa sobre um tema que vem ganhando destaque na sociedade: a homossexualidade (ou homoafetividade, como preferimos). Em sua história, a revista dedicou três capas a esse setor da sociedade (a saber, na edição 1287, de maio de 1993, com a manchete

¹ Dados extraídos do sítio eletrônico da PubliAbril (s.d.).

de capa “O que é ser gay no Brasil”; na edição 1636, de fevereiro de 2000, “Gays”; e na edição de 2164, de maio de 2010, “Ser jovem e gay”). Na última dessas edições dedicadas ao tema, a publicação focou a juventude homoafetiva brasileira. Intitulada “A geração tolerância”, a matéria de capa propõe traçar um perfil do/a jovem homossexual brasileiro/a; segundo a revista, “uma geração para a qual não faz mais sentido enfiar-se em boates GLS (sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes)” (p. 109). O texto, que se propõe “retrato” de uma nova realidade (alcançada, em boa parte, pela projeção das lutas políticas de grupos organizados), inclui pontos de vista de especialistas e entidades da esfera pública, bem como de atores sociais diretamente envolvidos na questão, abrindo espaço para um conjunto de representações que dão conta de temas relacionados a preconceito e afirmação.

Enquanto objeto de estudo em Análise de Discurso Crítica, o texto analisado é entendido como produto de evento discursivo, fruto de práticas sociais localizadas contextualmente, espaço para veiculação de discursos sobre a homoafetividade e, potencialmente, ideologias, além de pressuposições que apontam ideários inseridos na estrutura social vigente.

Apesar das múltiplas possibilidades de análise, e tendo em vista que toda análise discursiva é sempre seletiva e nunca completa (Chouliaraki e Fairclough, 1999), focalizaremos algumas das categorias propostas por Fairclough (2003), a fim de traçar, ainda que de forma não exaustiva, um panorama da representação e da identificação no texto.

Intertextualidade e pressuposição – vozes que reforçam ou textos que anulam?

Tendo em vista os tipos de significado do discurso (acional, representacional e identificacional) apresentados por Fairclough (2003), algumas categorias analíticas foram selecionadas e aplicadas à matéria de capa da revista semanal *Veja*, edição 2164, de 12 de maio de 2010. Na análise apresentada neste artigo, focalizaremos sobretudo instâncias de intertextualidade e pressuposição, mas também teremos atenção a ocorrências de modalidade e avaliação.

Na reportagem em análise, diversas vozes são articuladas, ora pelo recurso do discurso reportado direto, ora pelo indireto. O texto “A geração tolerância” representa a sexualidade homoafetiva como um problema para jovens homoafetivos/as e suas famílias, já que o assunto é ainda um tabu social. Contraditoriamente a essa percepção inicial, a matéria propõe-se convencer o/a leitor/a de que a situação, apesar de intranquila, já estaria sendo contornada, tendendo à normalização.

Para confirmar essa representação, o texto estabelece relações intertextuais explícitas. Com as múltiplas possibilidades de articulação intertextual, os/as produtores/as de textos têm a possibilidade de escolher quais vozes terão ou não destaque, o que pode ser utilizado estrategicamente na direção dos discursos que se pretende sustentar. A respeito disso, Fairclough (2003, p. 55) aponta que “a intertextualidade é inevitavelmente seletiva em relação ao que é incluído e ao que é excluído dos eventos e textos representados”.

Os três excertos a seguir são uma amostra da intertextualidade no artigo:²

Excerto 1

Uma pesquisa feita pelas universidades estaduais do Rio de Janeiro (Uerj) e de Campinas (Unicamp) tem os números: aos 18 anos, 95% dos jovens já se declararam gays. A maior parte, aos 16. Na geração exatamente anterior, a revelação pública da homossexualidade ocorria em torno dos 21 anos, de acordo com a maior compilação de estudos já feita sobre o assunto (p. 108).

Excerto 2

Ícone desses meninos e meninas, a cantora americana Lady Gaga os fascina justamente por ser “difícil de definir o que ela é”. São marcas de uma geração que, não há dúvida, é bem menos dada a estereótipos do que aquela que a precedeu. Diz, com a firmeza típica de seus pares, a estudante paulista Harumi Nakasone, 20 anos: “Nunca fiz o tipo masculino nem quis chocar ninguém com cenas de homossexualidade. Basta que esteja em paz e feliz com a minha opção” (p. 109).

Excerto 3

Muitos pais já compreendem (com algumas idas e vindas) que, ao apoiar os filhos, estão lhes prestando ajuda decisiva. “Quando a própria mãe trata o fato com naturalidade, a tendência é que o preconceito em relação a ele diminua”, diz a estilista gaúcha [...], em coro com uma nova geração de mães – também mais tolerantes (p. 111).

No Excerto 1, observa-se a articulação intertextual, no texto do artigo, de uma pesquisa acerca da afirmação de jovens homoafetivos/as no país. Nessa primeira passagem, vê-se o recurso do discurso indireto, o qual oferece síntese de algo que já foi dito. Não há presença das aspas, detalhe observado nos Excertos 2 e 3, marcador de discurso direto. Note-se, no caso do Excerto 1, que a articulação dessa voz se dá em referência a instituições de pesquisa (e não aos/às pesquisadores/as responsáveis, por exemplo), o que confere uma legitimidade institucional aos dados apresentados. Além disso, a opção para a articulação da

² Nos excertos analisados, os grifos são nossos e indicam os elementos em debate.

pesquisa no texto não foi a escolha de um verbo dicendi (como ‘afirma’ ou ‘assevera’), mas a afirmação “tem os números”, o que garante ao dito representado um elevado estatuto de verdade, já que culturalmente se atribui a dados numericamente apresentados um alto grau de legitimidade.

Além disso, os dados da recente pesquisa são colocados em oposição a descobertas também cientificamente embasadas acerca da geração anterior, o que tem como efeito a criação de uma oposição geracional, sugerindo que na atualidade a afirmação da homoafetividade seria menos conflituosa, de modo geral. Assim, no Excerto 1, a articulação intertextual de instituições renomadas, que trazem a legitimidade do discurso científico além dos argumentos numéricos, confirma o argumento desenvolvido no texto.

Nos Excertos 2 e 3, têm-se as vozes de atores sociais diretamente implicados na questão tratada. Os excertos qualificam a informação quantitativa enunciada no Excerto 1: articulam depoimentos que representam a afirmação da homoafetividade como um evento natural na vida de jovens dessa geração, representada como livre dos conflitos que teriam inquietado gerações anteriores. Universalizando a tolerância, o texto acaba por obscurecer preconceitos ainda francamente vigentes na sociedade brasileira, como confirmam os recentes casos de ataques violentos a homossexuais, como os ocorridos na Avenida Paulista em novembro de 2010.

Com essas transferências para o texto, os produtores da matéria fazem o que Fairclough (2003, p. 17) define como “recontextualização”, uma questão típica da intertextualidade. Com a presença de vozes similares às recortadas acima, os produtores constroem bases para defender a ideia de que ser homossexual nessa sociedade tem deixado de ser um problema. Os excertos selecionados, portanto, dão um panorama dos discursos que articulam a representação da homoafetividade na matéria.

Pode-se observar, nos Excertos 1 e 2, o que Thompson (2002) classifica como “unificação” e “fragmentação”, dois dos modos de operação da ideologia. A unificação, de acordo com Thompson, refere-se à construção simbólica de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, sem a consideração das diferenças e divisões que possam separá-los, a fim de estabelecer e sustentar relações de dominação. Já a fragmentação é definida como a segmentação de indivíduos e grupos “que possam ser capazes de se transformar num período num desafio real aos grupos dominantes, [...] dirigindo forças de oposição potencial em relação a um alvo que é projetado como mau, perigoso, ameaçador” (Thompson, 2002, p. 86). Ao unificar os/as jovens, no início, os produtores do texto constroem uma imagem de grupo emergente,

forte e independente. Ao mesmo tempo, fragmentam sua identidade em relação a lutas históricas anteriores – no que Thompson (2002, p. 87) classifica como “diferenciação” (estratégia de operação da ideologia na qual se enfatizam as distinções entre as pessoas e os grupos no intuito de desuni-los e impedi-los de se concretizarem como “um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder”). A presença desses modos de operação da ideologia no texto tem como efeito uma forma de identificação que mascara os problemas sofridos por esse grupo (como as constantes violências física e moral) e fortemente combatidos pelos movimentos sociais.

A matéria também apresenta discursos articulados em estruturas de pressuposição. Fairclough (2003, p. 212) conceitua “pressuposição” como “significado implícito dos textos” e propõe uma organização tipológica em três tipos: existencial (sobre o que existe), proposicional (a respeito de como as coisas são ou serão) e valorativa (acerca do que é bom ou ruim). Tomando como exemplo, no Excerto 2, o trecho “São marcas de uma geração que, não há dúvida, é bem menos dada a estereótipos do que aquela que a precedeu”, fica expresso que a “geração tolerância” (como a alcunha a revista) destoaria de um grupo anterior, do ‘passado’, que se pressupõe ser ‘mais dado’ a estereótipos. Assim, a construção da identificação da “geração tolerância” no texto dá-se de modo fortemente ancorado na oposição com a geração anterior. Note-se que a informação é fortalecida com modalidade epistêmica alta, com o uso da expressão “não há dúvida”, que fecha o debate para discursos alternativos.³

Esse é um exemplo de pressuposto existencial, já que se trata de uma representação, mais profundamente inserida no texto, a respeito daquilo ‘que existe’. Pressuposições podem ser ligadas a ideologias, conceituadas, seguindo Thompson (2002), como construções simbólicas que sustentam relações de poder como dominação, definição compartilhada por Fairclough (2001). No mesmo sentido, Resende e Ramalho (2009, p. 48) apontam que

determinados discursos podem ser vistos como ideológicos. Um discurso particular [...] pode incluir presunções acerca do que existe, do que é possível, necessário, desejável. Tais presunções podem ser ideológicas, posicionadas, conectadas a relações de dominação.

Por exemplo, no Excerto 3, a oração “diz a estilista gaúcha [...], em coro com uma nova geração de mães – também mais tolerantes”, temos os pressupostos ‘as mães dessa nova geração são mais tolerantes’ e ‘essa é uma geração mais tolerante’. O primeiro pressuposto existencial ativa-se pela ruptura na sentença, marcada pelo uso do

³ Modalidade refere-se ao quanto “as pessoas se comprometem quando fazem afirmações, perguntas, demandas ou ofertas (funções do discurso)” (Fairclough, 2003, p. 165). Em afirmações e perguntas, a modalidade é epistêmica, relativa ao grau de comprometimento com a verdade das declarações; em demandas e ofertas, a modalidade é deontica, relativa ao grau de obrigatoriedade/necessidade atribuído.

travessão – o que está posto após o travessão é uma classificação não aberta a questionamentos, uma vez que é texturizada em estrutura de pressuposição que prescinde do processo existencial ‘ser’, ou seja, a relação entre ‘nova geração de mães’ e ‘mais tolerantes’ é fechada, não negociável pelo/a leitor/a. No segundo caso, o pressuposto de que essa geração é mais tolerante que as gerações que a antecederam é ativado pelo uso do advérbio “também” em “também mais tolerantes”. Esses pressupostos existenciais são ideológicos porque criam uma unidade imaginada, um cenário livre de problemas e conflitos, o que pode ter o efeito de acomodar indivíduos ou desmobilizá-los em relação a um objetivo comum, de luta pela efetivação de direitos, aqui representados como já conquistados.

Vale lembrar que o posicionamento ideológico, haja vista se tratar de uma visão parcial de mundo, tende a “suprimir as contradições, dilemas e antagonismos das práticas de modo a consentir com os interesses e projetos de dominação” (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 26). Os produtores do texto de *Veja* estabelecem-se discursivamente diante da geração atual, contrapondo-a a gerações passadas, justamente aquelas que formaram movimentos de resistência que parcialmente conquistaram o direito de afirmação para as gerações posteriores. Assim é que o texto “A geração tolerância” não possibilita a abertura para um setor relevante do grupo social representado, o movimento LGBTT (sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais); inexistente a voz de militantes na representação texturizada em *Veja*. Pode-se dizer, com Van Leeuwen (2008), que em termos da representação de atores sociais no texto em foco tem-se aí uma ausência significativa, a exclusão de um grupo social relevante para a prática representada, e o consequente apagamento da relevância desse grupo para a representação.

O texto também apresenta atribuições de valor. É o caso dos excertos a seguir:

Excerto 4

Os jovens que aparecem nas páginas desta reportagem [...] são o retrato de uma geração para a qual *não faz mais sentido* enfurnar-se em boates GLS (sigla para gays, lésbicas e simpatizantes) – muito menos juntar-se a *organizações de defesa de uma causa que, na realidade, não veem mais como sua* (p. 109).

Excerto 5

Na última parada gay de São Paulo, a maior do mundo, *a esmagadora maioria* dos participantes até 18 anos diz estar ali *apenas* para “se divertir e paquerar” (na faixa dos 30 o objetivo número 1 é “militar”). A questão central é que *eles simplesmente deixaram de se entender como um grupo* (p. 109).

No Excerto 4, existe juízo de valor sobre as boates e quem as frequenta, como no uso do verbo “enfurnar”. Ainda no mesmo exemplo, em termos de modalidade,

os produtores do texto fazem uma afirmação categórica, com um nível alto de envolvimento com a verdade do que enunciam, com o uso da expressão “muito menos”. Ao texturizar a informação dessa maneira, eles se comprometem a caracterizar a dessintonia entre as gerações, fazendo uma declaração, como a destacada, em nome de outrem (através de um processo mental simbolizado pela expressão “não veem mais como sua”). Esse tipo de modalidade (epistêmica) relaciona-se diretamente com o significado identificacional do discurso, visto que os produtores imprimem concepções ao texto, e o fazem implicitamente e com alta afinidade. Fairclough (2003, p. 171) aponta que “fazer fortes afirmações relativas à verdade sobre processos mentais de outrem é também assumir um poder que é importante na identificação”. A respeito dessa oposição geracional, note-se o pressuposto ativado em “não faz mais sentido” e em “uma causa que [...] não veem mais como sua”. Em ambos os casos, as estruturas linguísticas com ‘não [...] mais’ estabelecem oposições entre passado e presente, em que o passado é associado a estratégias de criação identitária de um grupo que se mobiliza em nome de “uma causa”, enquanto o presente é associado à dissolução de identidades gays e à desmobilização dessa mesma causa.

No Excerto 5, observa-se mais uma troca de conhecimento, modalizada epistemicamente, por meio de uma asserção com forte comprometimento, inclusive com a presença do marcador de modalização “simplesmente”. Isso implica a fragmentação ideológica dos atores representados enquanto grupo político, pertencentes a uma minoria social, com sua separação marcada no texto (como em (5), ao delimitar a faixa etária dos atores representados). Mais uma vez o que está em foco é o estabelecimento da oposição geracional, a criação de dois grupos antagonísticos cuja separação pode ter o efeito de enfraquecer politicamente ambos os grupos. Há, novamente, nesse exemplo, a presença de estrutura de pressuposição que denota desmobilização da juventude: a expressão “deixar de se entender como grupo”. Ao mesmo tempo em que cria oposição entre as gerações, o texto articula uma unidade imaginada na representação da juventude homoafetiva de nosso tempo – com argumentos que fazem apelo a uma totalidade indeterminada, como em “a esmagadora maioria dos participantes até 18 anos”, o texto representa um grupo homogêneo, deixando sem lugar os/as jovens engajados dessa geração representada.

No que se refere à presença de diferentes vozes em textos, classificada como polifonia, Resende e Ramalho (2009, p. 106) explicam que “as diferentes vozes relatadas em um texto podem representar diferentes discursos. As vozes selecionadas e as maneiras como são representadas permitem o mapeamento das representações particulares”. Em “A geração tolerância”, o conjunto de vozes recontextualizadas traça um plano permeado de discursos, como nos trechos abaixo:

Excerto 6

“*Sei que contrariei o sonho da minha família, de me ver de grinalda e com filhos, mas a melhor coisa que fiz para mim mesma foi ser verdadeira. Por que me sentir uma criminosa por algo que, afinal, diz respeito ao amor?*” (p. 109).

Excerto 7

“Quando meu filho me disse que gostava de meninos, sabia que *os velhos sonhos teriam de ser substituídos* por algo que eu não tinha a menor ideia do que seria” (p. 111).

Os dois excertos acima recontextualizam as vozes de uma jovem lésbica e da mãe de um rapaz gay, respectivamente. Nos Excertos 6 e 7, articula-se um discurso ligado à tradição. O uso da metáfora “velhos sonhos”, no Excerto 7, remete ao discurso tradicional hegemônico do casamento heterossexual, descrito também no Excerto 6, por relação metonímica com elementos desse discurso heteronormativo acerca do casamento: grinalda e filhos.

Os exemplos servem como amostra de uma estrutura na qual os/as jovens representados/as não estão inseridos/as, a chamada “heteronormatividade”, que, segundo o Manual de Comunicação LGBTT (ABGLT, 2009, p. 12), caracteriza-se por “uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual”. Thompson (2002, p. 164) pontua que “muitas tradições têm [...] um aspecto normativo, [...] um conjunto de pressuposições, crenças e padrões de comportamentos trazidos do passado e que podem servir como princípio orientador para as ações e as crenças do presente”. É o que se observa nos excertos apresentados. As vozes representadas estabelecem um paralelo entre o “velho”/tradicional e o “novo”/transgressor, em que este último frustra expectativas. Essa representação da frustração de sonhos poderia entrar em choque com o discurso da normalidade, saliente no texto, não fosse pela representação da mãe como “compreensiva”, “conciliadora”.

Especialistas consultados também têm suas vozes representadas no texto, corroborando a benevolência da identidade materna em oposição à representação da masculinidade conservadora do pai. Ao contrário do que se atribui às mães, os pais não aparecem representados como tão abertos à “novidade”, como é possível verificar nos excertos a seguir:

Excerto 8

As mães se assustam, mas logo o amor materno supera o choque do novo. *Os pais demoram mais a metabolizar a novidade* (p. 108).

Excerto 9

Com *pavor de uma reação violenta do pai*, meninos e meninas preferem, em geral, contar primeiro à mãe (p. 111).

Os Excertos 8 e 9 conformam uma identidade feminina associada à maternidade e ao amor incondicional, à compreensão e à mediação entre pais e filhos/as. Note-se que há aqui uma ruptura do discurso normalizador da homoafetividade entre jovens: a “novidade” – isto é, o inesperado – é algo a ser ‘metabolizado’, é algo que ‘se engole’ a contragosto. Ainda a respeito de identidades essencialistas, note-se a associação da figura paterna com um comportamento intolerante e violento, a ser suavizado pelo “amor materno”, conciliador e mediador de conflitos. (Abramos aqui um parêntese: sobre a intolerância paterna, podemos tomar como exemplo a recente controvérsia envolvendo o deputado Bolsonaro, que assumiu postura francamente homofóbica em programa de televisão, afirmando que ninguém fica feliz ao deparar com a homoafetividade de um/a filho/a e que a homoafetividade deveria ser reprimida com violência, já que estaria associada à promiscuidade.)

A avaliação é outra categoria observada nos excertos. Nos Excertos 8 e 9, há a pressuposição, de valor conservador, referente às duas ocorrências (em todo o texto da reportagem) do termo “pai”. A avaliação – decorrente de declarações mais ou menos explícitas por meio das quais locutores/as comprometem-se com valores desejáveis ou indesejáveis (Fairclough, 2003) – sugere não ser desejável expor a condição de homossexual para o pai, sem, pelo menos, antes ter apelado à figura conciliadora da mãe. As escolhas lexicais “metabolizar” (Excerto 8) e “pavor” (Excerto 9), relacionadas à figura paterna, alinham-se a discursos sexistas acerca das relações de gênero.

Assim, a análise balizada pelas categorias intertextualidade, polifonia, pressuposição, avaliação e modalidade no texto “A geração tolerância” permite afirmar que nesse texto constroem-se identificações chanceladas pelo discurso da tradição hegemônica: é de forma ideológica que se apresentam os atores sociais representados.

Considerações finais – onde está o pote de ouro?

O discurso, como elemento irreduzível das práticas sociais, funciona como instrumento de manutenção, reprodução ou transformação das relações de poder. AADC propõe a investigação dos modos como representações particulares carregam cargas ideológicas, e assim possibilita a problematização das representações articuladas em textos, por meio do uso de categorias analíticas que, ao serem aplicadas, permitem entrever a legitimação e a reificação de hegemonias em textos.

A revista *Veja*, com sua abrangência, encontra-se em posição de destaque na arena discursiva. Ao outorgar para si o papel de representante do país na apuração de fatos cotidianos (o que se constata nos *slogans* da publicação), a revista pode ser tomada como objeto de estudo relativo a sua contribuição para a reprodução, a manuten-

ção e a transformação de discursos ideológicos ligados a hegemonias. Nesse sentido, apontamos, na reportagem em foco, diversos aspectos ideológicos que reforçam representações ligadas à tradição hegemônica.

Cabe destacar que o conceito de hegemonia está diretamente relacionado às relações assimétricas de poder, as quais são configuradas e sustentadas (também) por meio de formas simbólicas que – como aponta Thompson – se entrecruzam com relações de poder. O texto analisado demonstra que essa articulação por vezes se dá de maneira sutil, sob a roupagem de inovação discursiva e de tolerância. Assim é que o texto “A geração tolerância” traz para o debate aspectos relacionados a mudanças sociais; no entanto, ao representar conquistas relativas à liberdade sexual no século XXI, deixa marcas ideológicas que conflitam com a proposta supostamente democrática do texto.

Por meio da análise discursiva textualmente orientada, desvelou-se uma representação da homoafetividade entre jovens que, apoiada em pressupostos e pontos de vista ligados à tradição, desconsiderou atores sociais importantes para o debate da questão (como organizações políticas e movimentos sociais, bem como jovens não pertencentes à única classe social representada, por exemplo). A construção de identificações no texto parece enfatizar um ‘novo tipo de homossexual’, que não precisa de “rótulos” para se estabelecer. No entanto, a matéria recorre a vários rótulos para construir o que chama de “nova geração”, lançando mão de vozes de especialistas para a legitimação de um estilo que não se volta para o passado, e, por vezes, enfraquece-o. Assim, como um de seus efeitos, o texto reduz o potencial político de um evento tomado como espaço para a afirmação da diferença, a Parada Gay.

As categorias analíticas intertextualidade, polifonia, pressuposição, avaliação e modalidade nos permitem desvelar estruturas linguísticas que estabelecem oposições entre passado e presente, em que o passado é associado a um grupo mobilizado, enquanto o presente é associado à dissolução de identidades gays e à desmobilização. No passo em que cria oposição entre as gerações, o texto também sugere uma unidade imaginada na representação da juventude homoafetiva da nova geração. Assim, tomando por base argumentos que apelam para uma totalidade indeterminada, o texto representa um grupo homogêneo e livre de conflitos. Um possível efeito dessas representações pode ser a acomodação e a desmobilização da luta pela efetivação de direitos, que são representados como já conquistados.

Os pressupostos tomados como base para proposições do texto “A geração tolerância” conferem-lhe o que Fairclough (2003, p. 42) conceitua como “fechamento para a diferença, com foco na comunalidade, na solidariedade”, uma vez que o “retrato” proposto não contemplou, de fato, aqueles que sofrem agressões e traumas e que, portanto, não se enquadram em representações do tipo “num cenário inteiramente diferente, os novos gays não precisam mais passar por esse tormento” (p. 114).

Referências

- ABGLT. 2009. *Manual de Comunicação LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. Paraná, ABGLT, 52 p.
- BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 258 p.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in Late Modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 224 p.
- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília, Editora UnB, 320 p.
- FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, Routledge, 288 p.
- FERNANDES, A.C. 2011. *Lula na Veja, de 2002 a 2006: uma análise de discurso crítica*. Curitiba, PR. Tese de doutorado. UFPR, 385 p.
- HALL, S. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 102 p.
- PUBLIABRIL [s.d.]. O portal de publicidade da Abril. Disponível em: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: 07/05/2011.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V.M. 2011. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, Pontes, 196 p.
- RESENDE, V. 2009. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas, Pontes, 96 p.
- RESENDE, V. [s.d.] Os estudos críticos do discurso: um olhar do Brasil – entrevista de Viviane de Melo Resende a Oscar Londoño Zapata. In: O.I. LONDOÑO (org.). *Los estudios del discurso: Miradas Latinoamericanas II*. Ibagué, Universidad de Ibagué. [no prelo].
- RESENDE, V.M.; RAMALHO, V. 2009. *Análise de discurso crítica*. São Paulo, Contexto, 160 p.
- THOMPSON, J.B. 1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, Vozes, 264 p.
- THOMPSON, J.B. 2002. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Vozes, 430 p.
- VAN DIJK, T. 2008. *Discurso e poder*. São Paulo, Contexto, 288 p.
- VAN LEEUWEN, T. 2008. *Discourse and Practice: new tools for Critical Discourse Analysis*. Oxford, University Press, 174 p.

Submissão: 13/03/2012

Aceite: 18/07/2012

Gersiney Pablo Santos

Universidade de Brasília
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/IL/UnB)
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Instituto Central de Ciências, Ala Norte, Módulo 20
Campus Darcy Ribeiro, 70.910-900
Brasília, DF, Brasil

Viviane de Melo Resende

Universidade de Brasília
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/IL/UnB)
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Instituto Central de Ciências, Ala Norte, Módulo 20
Campus Darcy Ribeiro, 70.910-900
Brasília, DF, Brasil